

## **THEREZA CRISTINA PUSCH: A INCANSÁVEL PROCURA**

Atilio Butturi Jr

1. A produção artística moderna traz no seu bojo uma particularidade: o essencialismo. O que se busca é uma reflexão acerca da própria atividade estética, uma tentativa de autonomização dos campos segundo suas especificidades: a Literatura, a Pintura, a Escultura, etc.

A arte contemporânea, entretanto, tem muitas vezes discutido esse fechamento auto-reflexivo, trazendo à tona sobretudo discursos diretamente implicados com a exterioridade, que sugerem a possibilidade de tornar menos redutora a esfera artística, entendida tanto como formalização, voltada às próprias construções de um modo, quanto como determinada no espaço-tempo, preocupando-se com os debates do existente.

Diante desse segundo imperativo, a escritura hodierna está exemplarmente marcada pela ascensão de um discurso em particular: a voz feminina, cujo registro faz pensar em outras histórias possíveis, outras formas de identificação e criação que destoam daquelas canonicamente veiculadas.

É nesse contexto cultural que devemos inscrever a obra de Thereza Cristina Pusch: natural de Castro, nascida em 1952, foi ela professora do Departamento de Letras Vernáculas da UEPG, pesquisadora de literatura e, amiúde, poeta. Ainda que na timidez de um só livro, Pusch deixou no *Procura do Azul* - publicado pela Imprensa Universitária da Universidade Estadual de Ponta Grossa em única edição de 1980- o registro nuclear de sua percep-

---

<sup>1</sup> Integrante do Grupo de Pesquisa: Textualidades Contemporâneas, inscrito no CNPq, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ção do mundo. Deliberadamente simples, são esses os versos que marcarão em definitivo sua poesia ainda pouco divulgada.<sup>1</sup>

2.

Até o momento, foram dois os estudos que se debruçaram sobre *Procura do Azul*.

O primeiro, “As trascarências do real”, espécie de prefácio do livro citado, realizado pelo crítico Gilberto Mendonça Teles, começa por assinalar o caráter metalingüístico do discurso poético da castrense, aproximando-o da linhagem drummondiana de *Procura da poesia*. Em seguida, atenta para a simbólica paradigmática no texto de Pusch: o mar, azul sempre adiado em promessa, cristalizado em desejo insatisfeito, evocação similar àquela do português Fernando Pessoa.

É a segunda glosa, porém, que se apropria da presença intertextual pessoana, erigindo nessa interseção uma crítica de vinculação fenomenológica. Tal estudo é do pesquisador Luiz Fernando Cheres (2002), que ratifica um essencialismo literário no percurso da autora. Começando pelos versos iniciais de *Procura...*

“A grande pureza das coisas  
é serem apenas coisas” (Pusch, 1980)

Cheres (2002) infere do discurso da poeta aquela presença já-dada do mundo, independente do perceber humano, bem como o perscrutar pela eidética (=essência) de tais coisas, escondidas entre as “teses do mundo” que impedem o acesso à sua verdade.

De acordo com Bonomi (1974), a atitude do fenomenólogo- e aqui penso, como Cheres, em Husserl- é a de “por entre parênteses” o conhecido (“teses do mundo”), na tentativa de se atingir um natural eidético. Nessa trama, abole-se a certitude cartesiana, fazendo emergir uma interdependência fundante entre os elementos: o sujeito que conhece e o objeto que se apresenta ao conhecimento.

Dessa perspectiva, leiamos Cheres (2002, p.25) acerca da naturalidade presente nos primeiros versos de Pusch (1980):

“... tanto em Caieiro<sup>2</sup> como em Thereza Cristina essa atitude natural é apenas uma farsa, formalizada com o auxílio de recursos criadores de uma falsa simplicidade do discurso poético”.

Necessária ao **inteligir do mundo**, essa atitude natural deliberada de Pusch

não representaria mais um romantismo das coisas. Como na fenomenologia husserliana, a interrogação é sempre orientada, racionalmente construída partindo da intencionalidade. O atingir a pureza, o *eidos* - e, no caso de Thereza, o azul - é tarefa árdua de “descondicionamento”, no qual o humano define e se define. Dessa maneira, ao pretender purificar as coisas, o movimento de Pusch acabaria na busca pela plenitude do sujeito transcendental de Husserl.

3.

Tendo em vista as referidas glosas, atentemos a outros possíveis da leitura de Thereza Cristina Pusch.

Conforme observado, o primeiro dos 21 poemas de *Procura...* marcam, para Cheres (2002), a crença perene na obra no simples existir das coisas:

“a grande poesia das coisas  
é não ultrapassarem  
sua própria matéria”

Adiante, contudo, é a imagem simbólica do mar(=azul) que sobrepujará a primeira discussão:

“Tenho em mim uma presença  
como um sonho  
que me dissolve  
oceano sem horizontes”

Esse quarto poema inaugura um campo de sentido marcadamente lírico, contrapondo-se às preocupações auto-reflexas suscitadas pela problemática escritural precedente. A partir de então, o oceano/mar terá como par antitético constante a praia/terra; o onírico será reservado ao primeiro, enquanto a realidade figurará inexorável de acordo com as imagens oferecidas pelo segundo,

A ambivalência desse mar (o “azul” procurado) será corroborada ainda por outra imagem – marcadamente presente na literatura de autoria feminina – presente no penúltimo poema: o espelho<sup>3</sup>.

“Sobre a face neutra  
do espelho

medebruço  
erompo os véus  
de que compus  
meurosto”

Partindo desses **véus** enunciados diante da neutralidade plurívoca do espelho, atemos duas possibilidades interdependentes no discurso de Pusch:

- 1) uma tendência metalingüística na qual um “drama da linguagem”<sup>4</sup> faz pensar numa essencialidade literária sempre buscada;
- 2) a implicação desse “drama” primeiro num mais universal, de banimento das experiências autenticadoras, sobretudo pelas asperezas do real.

4.

Isto posto, a fim de esclarecer a problemática 1, leiamos, ainda sobre as coisas:

“a maioria das coisas  
são apenas sombras<sup>5</sup>  
de outras coisas  
que já foram  
que ainda não são  
vistas  
*por um telescópio*” (poema 2-P2)

E ainda:

“era azul pensado  
azul palavra  
adjetivo  
não era mais azul azul  
era apenas azul  
humanizado” (poema 16-P16)

Nesses dois recortes, a decadência em comum: as coisas que antes existiam autônomas surgem fadadas ao tempo( P2, versos 5 e 6), transformadas em sombra platonizante de sua essência, avariadas em sua pureza por um olhar “telescópico”,

Essa “queda” encontra, em P16, sua motivação: o azul/infinito essencial é transposto em **palavra** (P16, verso 2), humanizando-se. O que antes pertencia ao imemorial, espécie de inconsciente psicanalítico cuja linguagem prescinde de língua (= Verbo) agora tarveste-se num impossível: dizer é já atraíçoar.

Jacques Rancière(1995) esclarece a ligação entre tal “drama” e a escritura moderna: a escrita órfã, livre, só existe enquanto corpo, aprisionada numa situação específica, guardando em si as inscrições espaço- temporais de cada uma dessas prisões. Diante dessa decadência, um dos remédios é o construto proficuo das vanguardas literárias: a “escrita menos que escrita” (Rancière, 1995, p.12 ), tentando escapar dos desvios da letra e encontrar, como escrevia a própria Pusch, a voz “inconfundível” das coisas:

“...elas têm todas as palavras  
que precisam  
e precisam apenas  
a palavra que são  
e dizem  
*perfeita*”

É de uma transparência que nos fala Pusch. E é na procura desta que seu lirismo irracionalista aflorará, segundo nossa hipótese 2.

5.

Se a língua, alteridade implacável no existir cultural humano, aparece como fator crepuscular, podemos aproximar o discurso de Pusch a um irracionalismo herdado dos românticos, que nega a experiência modernizadora:

“... o progresso nega o êxtase, o pecado, confunde a vida e o projeto, e santifica o projeto (o trabalho): no mundo do progresso, a vida é somente a infantilidade lícita, quando o projeto é reconhecido como o sério da existência” (Bataille, 1992, p.54)

Em Georges Bataille, arauto obscuro de um surrealismo super-humano, existência cultural e autêntica aparecem divorciadas. A linguagem, enquanto constitutiva

dessa experiência cultural e, por conseguinte, intersubjetiva, surge, todavia, como único acesso possível ao si-mesmo: existir intersubjetivamente, sempre mediado pela linguagem (leia-se aqui, língua), não condena o humano a um nominalismo reificante:

*“Ainda que as palavras drenem em nós quase toda a vida (...) subsiste em nós uma parte muda, furtada, inapreensível”.* (Bataille, 1992, p.22)

Tendo em vista essa liberdade batailleana, retomemos o poema 20 de Pusch, acerca do espelho. Leiamos novamente:

“e rompo os véus  
de que compus  
meurosto”

Aqui, é um signo moderno que se despe: o véu outrora composto deve dar lugar ao não teleológico, ao fruir. Adiante, o poema continua:

“Sobre a face ácida  
do espelho  
me descubro  
em minha nudez  
é viagem cumprida  
cicatriz”

A nudez evoca o drama pessoal: sem subterfúgios, o eu- lírico tem, como derradeira recompensa, a cicatriz, marca que identifica o **corpo**, circunscreve-o a um regime castrador do existir. Insistindo em Bataille (1992, p.58), leiamos o francês:

“o não saber desnuda.”

Tal êxtase anti- racionalista é também anticivilização: anterior ao Verbo, às limitações das coisas. Esse elo para sempre quebrado tem um vislumbre de plenitude na *Procura* de Thereza:

“vem simplesmente  
sem gesto  
ou palavra” (poema 19)

É numa espera do amado que virá, mostrando- lhe a verdade primeva de tudo quanto há que permanece o texto da poeta. A chegada, sempre adiada, seria então a da própria completude do eu- lírico, inconsciente e purificada dos gestos cotidianos e dos já- ditos. É a espera- procura desesperada do que nunca virá e, no entanto, move o existir. A incompletude da própria vida.

### Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. [trad. Celso Libâneo Coutinho et al.]. São Paulo: Ática, 1992.

BONOMI, Andrea. *Fenomenologia e estruturalismo*. [trad. João Paulo Monteiro et al.]. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CHERES, Luiz Fernando. *Procura do azul: a fenomenologia do poema em Thereza Cristina Pusch*. In: SANTOS, Luísa Cristina(org). *Literatura e mulher: das linhas às entrelinhas*. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2002.

PUSCH, Thereza Cristina. *Procura do azul*. Ponta Grossa: Imprensa Oficial da UEPG, 1980.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. [trad. Raquel Ramallete et al.]. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.